

# PERSPECTIVISMO AMERÍNDIO: CONTRIBUIÇÕES PARA O DEBATE PSICANALÍTICO SOBRE A IMAGEM DE SI

Eloy San Carlo Maximo Sampaio<sup>1</sup>

## RESUMO

As discussões sobre o ego e a imagem de si são elementos importantes na teoria psicanalítica. É possível localizar um desenvolvimento progressivo acerca dessa temática na teoria freudiana, bem como nos trabalhos dos pós-freudianos, dentre os quais se destaca Lacan. O conceito de estágio do espelho, desenvolvido pelo psicanalista francês, representa uma contribuição relevante, com ampla repercussão psicanalítica. Todavia, propomos que o estágio do espelho, assim como a razão diagnóstica em Lacan, decorre de um modelo de antropologia fundada no estruturalismo, que possui como marca o mononaturalismo. Os desenvolvimentos pós-estruturalistas poderiam servir de contraponto para essas concepções e apresentar pontos críticos que merecem atenção. Diante disso, o presente artigo objetiva problematizar como o perspectivismo ameríndio instaura questões para a teorização da imagem de si na psicanálise. Trata-se de uma investigação de caráter bibliográfico, que privilegia os principais textos sobre a temática nos trabalhos de Freud e Lacan, bem como da antropologia de Viveiros de Castro. Como conclusão apresenta-se que o perspectivismo ameríndio apresenta que o estágio do espelho não é possível ser pensado como uma condição universal, mas sim como um elemento particular, devido a constante mutação da imagem de si.

**Palavras-chave:** narcisismo, estágio do espelho, antropologia de Viveiros de Castro, multinaturalismo. .

## AMERINDIAN PERSPECTIVISM: CONTRIBUTIONS TO THE PSYCHOANALYTIC DEBATE ON THE SELF-IMAGE

### ABSTRACT

The discussions about ego and self-image are key elements in psychoanalytic theory. It is possible to determine a gradual development of this theme in Freud's theory, as well as post-freudian works, and among them Lacan stands out. The concept of mirror stage, developed by said French psychanalyst, represents a relevant contribution, with a wide psychanalyst repercussion. However, we propose that the mirror stage, as well as the diagnostic reason in Lacan, stems from an anthropology model founded in the structuralism, which possess as a mark the mononaturalism. The post-structuralism development could be used as a counterpoint for this conceptions and present critical points which deserve attention. Due to this fact, the current article objectives problematize how the amerindian perspectivism initiate questions for the theorization of self-image in psychoanalysis. It is an investigation of bibliographical character, and that privileges the main texts on the theme of Freud's and Lacan's works, as well as Viveiros de Castro's anthropology. As a conclusion appears that the amerindian perspectivism presents that the mirror stage can't be thought as a universal condition, but as a particular element, due do constant mutation of the self-image.

**Keywords:** narcissism, mirror stage, Viveiros de Castro's anthropology, multinaturalism.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Psicologia Clínica- USP

## INTRODUÇÃO

A noção de uma imagem de si impactou a psicanálise de maneira contundente. Inicialmente, na obra freudiana, ela esteve relacionada com o desenvolvimento das teorizações sobre o narcisismo e ego, posteriormente, com a proposta lacaniana, foi uma referência fundamental para se pensar o estágio do espelho. Porém, nos últimos anos, alguns avanços no terreno da antropologia acabaram por apresentar a existência de certos grupos nos quais a imagem de si é variável, sendo alterada pelo tipo de relação que o sujeito estabelece com o outro, tal teoria ficou conhecida como perspectivismo ameríndio.

Essas três referências serão o terreno básico a partir do qual o presente artigo irá se apoiar e que terá como objetivo principal apresentar a ideia de que o perspectivismo ameríndio pode servir como um ponto para se pensar criticamente o conceito psicanalítico de imagem de si. Para que essa discussão se torne possível, o texto irá se estruturar na tentativa de contemplar três objetivos mais específicos. O primeiro consiste na apresentação do desenvolvimento histórico do conceito de narcisismo e ego dentro da teoria freudiana e como isso já implicava a imagem de si. O segundo, busca apresentar um dos textos mais importantes da teoria lacaniana, intitulado *O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica*, escrito em 1949. Por fim, o terceiro objetivo específico pretende expor as elaborações do antropólogo Viveiros de Castro presentes na obra *A inconstância da alma selvagem* (2002).

A relevância desse tipo de estudo repousa na possibilidade de submeter a teoria psicanalítica a uma avaliação crítica a partir de novos conhecimentos provindos de outras áreas. Tal procedimento, é importante salientar, foi constante durante toda a produção freudiana, que via na antropologia, na arte, na filosofia e na neurologia, apenas para citar as áreas mais frequentemente utilizadas, importantes aliados para o avanço de suas elaborações.

Além disso, acredita-se que essa investigação pode contribuir para uma apropriação mais rigorosa de alguns conceitos centrais para psicanálise, o que permitiria uma leitura mais profunda, mas também refletiria em possibilidades de estratégias clínicas melhor embasadas.

## METODOLOGIA

Este artigo consiste em uma discussão de como alguns conceitos freudo-lacanianos podem ser confrontados com as investigações atuais desenvolvidas no terreno da antropologia, especialmente a materializada por Viveiros de Castro. Para tanto, partimos da

ideia de que “o objeto de estudo requer que se descubra qual a metodologia mais adequada para estudá-lo” (MIGLIAVACCA, 2001, p.100). Dado o caráter da pesquisa, optou-se por uma investigação do tipo bibliográfico, que segundo Köche (2010) consiste em “conhecer e analisar as principais contribuições teóricas existentes sobre um determinado tema” (p.122).

Inicialmente buscamos expor como o conceito de narcisismo se desenvolve ao longo da obra freudiana. Realizamos uma seleção de texto que fossem representantes significativos dos principais momentos que esse elemento se reveste na obra do autor, o grupo de texto selecionado foi: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), *Leonardo da Vinci: uma lembrança de infância* (1910), *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia paranoides)* (1911) e *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914).

Essa reconstrução histórica se mostrou importante por permitir, em um segundo momento, uma “investigação sistemática de diferentes usos de conceitos em diferentes culturas analíticas” (DREHER, 2008, p.133). O autor selecionado para essa comparação foi Lacan e tal opção foi metodologicamente orientada, pois a escola lacaniana se afirma como um dos grupos pós-freudianos com maior atividade nas publicações teóricas atuais.

A parte final do artigo concentra-se na tentativa de exposição sobre o que consiste o perspectivismo ameríndio e como ele pode contribuir para repensarmos o que é a imagem de si em psicanálise, além de questionar o estatuto de universalidade do estádio do espelho em Lacan.

#### *O narcisismo em Freud e a imagem de si*

O narcisismo, desde Freud, se afigura como um conceito central para a psicanálise. Inicialmente circunscrito a problemáticas específicas, como a perversão e a homossexualidade o narcisismo foi paulatinamente ocupando um espaço maior na metapsicologia, e tornou-se uma das peças fundamentais da teoria psicanalítica. Em uma remontagem histórica seria possível ligar o narcisismo a uma série de fenômenos: paranóia, luto, melancolia, desenvolvimento libidinal, formações de grupos, dentre outros. Porém, uma questão que se insinua desde o nascimento do conceito e que permanece nos posteriores desdobramentos dentro da teoria freudiana e pós-freudiana é a relação do narcisismo com a dimensão da imagem e da identidade.

O seu surgimento se deu em uma reedição dos *Três ensaios da teoria da sexualidade*. A emergência do conceito justamente em um dos textos centrais da psicanálise já serve como índice do grau de importância que esse elemento acabaria por se revestir. Na reedição de 1910 Freud, no capítulo denominado *As aberrações sexuais*, discute as manifestações sexuais ligadas a perversão, dentre as quais é incluída o homossexualismo. Ao discorrer sobre o mecanismo de escolha objetal dos homossexuais, denominados nesse momento como invertidos, o autor propõe que:

É verdade que a psicanálise não trouxe até agora um esclarecimento completo da origem da inversão; não obstante, desvendou o mecanismo psíquico de sua formação e enriqueceu substancialmente a colocação dos problemas envolvidos. Em todos os casos investigados, constatamos que os futuros invertidos atravessaram, nos primeiros anos de sua infância, uma fase muito intensa, embora muito breve, de fixação na mulher (em geral, a mãe), após cuja a superação identificaram-se com a mulher e tomaram a si mesmo como objeto sexual, ou seja, a partir do narcisismo buscaram homens jovens e parecidos com sua própria pessoa, a quem eles devem amar tal como a mãe os amou. (FREUD, 1905/1996, p.137).

Nessa passagem já é clara a vinculação entre o narcisismo e a adoção de um objeto que seja semelhante à imagem do sujeito. Vale notar que essa vinculação do narcisismo como conceito integrante da explicação da escolha objetal homossexual se mantém em outros textos desse período. Pode-se encontrar uma explicação semelhante em *Leonardo da Vinci: uma lembrança de infância* (1910).

A análise biográfica de Leonardo da Vinci propõe que ele era um homossexual do ponto de vista emocional e que contava com uma grande capacidade sublimatória, o que poderia ser constatado através de suas inúmeras pinturas, esculturas e estudos. Ao tentar analisar a psicogênese do homossexualismo é apontado que existem algumas condições que comumente são percorridas. Freud afirma que normalmente os homossexuais masculinos possuem uma relação muito intensa com a mãe na sua primeira infância, ao mesmo tempo em que o pai possui um papel secundário nesse cenário, de maneira que a mãe dispensaria para a criança um excesso de carinho e ternura. O amor pela mãe passa por um duplo processo, por um lado ele encontra livre terreno para o seu desenvolvimento, mas por outro, devido a interdição do incesto, ele é recalçado. Analisando as repercussões para o sujeito diante dessa condição Freud propõe que

O amor da criança por sua mãe não pode mais continuar a se desenvolver conscientemente – ele sucumbe a repressão. O menino reprime seu amor pela mãe; coloca-se em seu lugar, identifica-se com ela, e toma a si próprio como um modelo a que devem assemelhar-se os novos objetos de seu amor. Desse modo ele transformou-se num homossexual. O que de fato aconteceu foi um retorno ao auto-erotismo, pois os meninos que ele agora ama à medida que cresce, são apenas, figuras substitutivas e lembranças de si próprio durante sua infância – meninos que ele ama da maneira que sua mãe o amava quando ele era criança. Encontram seus objetos de amor segundo o modelo do *narcisismo*, pois Narciso, segundo a lenda grega, era um jovem que preferia sua própria imagem a qualquer outra, e foi assim transformado na bela flor do mesmo nome (FREUD, 1910/1996, p.106).

Assim essa identificação com a figura materna ocasiona alguns desdobramentos. Uma especialmente importante é o fato de que a partir de então o homossexual passa a amar outros sujeitos que são semelhantes a si. A compreensão freudiana sobre o homossexualismo nesse momento aponta para o fato de que essas pessoas tomam como modelo de objeto a sua própria figura.

Em 1911, no texto *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia paranoides)*, também conhecido com Caso Schreber, Freud propõe que um estágio denominado narcisismo participa do desenvolvimento libidinal de todos os seres humanos. A fixação nesse estágio seria um dos fatores que contribuiriam para manifestações psicóticas, como a paranóia. Afirma que existiria

Um estágio do desenvolvimento da libido, entre o auto-erotismo e o amor objetal. Este estágio recebeu o nome de narcisismo. O que acontece é o seguinte: chega uma ocasião, no desenvolvimento do indivíduo, em que ele reúne seus instintos sexuais (que até aqui haviam estado empenhados em atividades auto-eróticas), a fim de conseguir um objeto amoroso, e começa a tomar a si próprio, seu próprio corpo, como objeto amoroso, sendo apenas subsequentemente que passa daí para a escolha de alguma outra pessoa que não ele mesmo como objeto. Essa fase equidistante entre o auto-erotismo e o amor objetal pode, talvez, ser indispensável (FREUD, 1911/1996, p.68).

Esta tomada de si mesmo como objeto é apenas uma etapa preliminar da relação objetal. Mas, no percurso, notam-se gradações, visto que, após a travessia do momento narcísico, o sujeito toma objetos exteriores que possuem o mesmo órgão genital seu, dando início, assim, a uma vinculação homossexual.

De importância principal no eu (self) do sujeito assim escolhido como objeto amoroso já podem ser os órgãos genitais. A linha de desenvolvimento, então, conduz à escolha de um objeto externo com órgãos genitais semelhantes - isto é, uma escolha objetual homossexual - e daí ao heterossexualismo (FREUD, 1911/1996, p.69).

A homossexualidade é tomada, então, como um dos elementos constitutivos do desenvolvimento psicosssexual, além de ser fundamental para o estabelecimento de laços sociais, como a amizade, o sentimento de grupo ou o sentido de coletividade.

Em algumas pessoas, todavia, ocorre uma ressexualização desses laços sociais. A homossexualidade retorna e pode, por vezes, provocar movimentos que tentem negar esse estado, tornando-se um dos mecanismos centrais para o estabelecimento da paranóia. Isso significa que “os paranóicos se esforçam por proteger-se contra esse tipo de sexualização de suas catexias sociais instituais” (FREUD, 1911/1996, p.70). E é na tentativa de compreender os motivos pelos quais ocorre o retorno desse homossexualismo que Freud propõe que:

os paranóicos trouxeram[trazem] consigo uma *fixação no estágio do narcisismo*, e podemos asseverar que a extensão do *retrocesso do homossexualismo sublimado para o narcisismo* constitui medida da quantidade de regressão característica da paranóia. (FREUD, 1911/1996, p.79-80)

Pode-se compreender, então, que as *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia paranoides)* trabalham com o conceito de narcisismo a partir de duas perspectivas interligadas: uma que considera o narcisismo uma condição universal do desenvolvimento libidinal; outra que propõe a fixação nesse estado como central para o estabelecimento de uma manifestação psicótica de cunho paranóico.

Vale notar que o delírio do presidente Schreber não se restringia ao fato de ser perseguido. A montagem feita por esse sujeito incluía também seu corpo. A perda da totalidade corpórea era um dos pontos centrais de seu relato expresso, por exemplo, na crença de que estaria nos planos de Deus executar uma emasculação, de que ele vivia sem esôfago, ou ainda que seus órgãos estavam em estado de putrefação. Se admitirmos que a paranóia está relacionada com o narcisismo e que o narcisismo tem como um elemento constitutivo uma certa apropriação da imagem de si, então se afiguraria como algo possível que em

delírios psicóticos a representação e apropriação do corpo feito pelo sujeito também sofresse conseqüências.

O narcisismo é convocado para elucidar fenômenos de diversas estruturas, o que aponta para o fato de que o seu poder explicativo aumenta gradativamente. Esse processo é desenvolvido pela publicação do ensaio *Sobre o narcisismo: uma introdução*, de 1914, que o define mais nitidamente. O narcisismo é compreendido como a condição na qual o ego<sup>2</sup> atua como reservatório da libido ou se encontra libidinalmente investido. Esse estado é diferente do auto-erotismo, além de apresentar dois tempos interligados: narcisismo primário e secundário.

A diferença entre narcisismo e auto-erotismo, neste ensaio, consiste no fato de que, na condição auto-erótica, nota-se a existência da parcialidade das pulsões: são as parcelas de um corpo essencialmente fragmentado que são investidas. Condição diversa será observada no narcisismo quando o corpo investido já é tomado como algo mais próximo de uma totalidade. É nesse sentido que Freud afirma que:

estamos destinados a supor que uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido. Os instintos auto-eróticos, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo (FREUD, 1914/1996, p.84)

É após essa unificação das pulsões parciais, processo que nunca é totalmente finalizado, que se estabelece o fenômeno do narcisismo primário. Seria possível supor que uma das etapas constitutivas desse percurso seria justamente uma formação de uma imagem do eu que atuaria para fornecer uma representação coerente de corpo.

No narcisismo primário, existiria uma “catexia libidinal original do ego” (FREUD, 1914/1996, p.83) fundamental para as vinculações objetais. Tal catexia libidinal seria transmitida para os objetos, estabelecendo uma situação de “antítese entre a libido do ego e a libido objetal. Quanto mais uma é empregada, mais a outra se esvazia” (FREUD, 1914/1996, p.83). Dessa maneira, o narcisismo também passa a ser indispensável para as relações objetais.

---

<sup>2</sup> Na literatura psicanalítica existe uma flutuação na maneira como alguns termos são traduzidos. Para designar o termo alemão *Ich* duas alternativas são adotadas. A primeira consiste em utilizar a nomenclatura latina *ego*, a segunda propõe utilizar termos mais correntes na língua do texto, que, em português, seria eu. Independente da tradução, ambas palavras fazem referência a um mesmo conceito metapsicológico.



O quadro apresenta que uma parte importante do narcisismo primário é utilizada para investir objetos, porém nota-se que, diante do rompimento dessas relações, ocorre um retorno da libido para o ego. Esse re-fluxo libidinal consiste no fenômeno do narcisismo secundário. Freud afirma que podemos pensar que “o narcisismo que surge através da indução de catexias objetivas como sendo secundário, superposto a um narcisismo primário que é obscurecido por diversas influências diferentes” (FREUD, 1914/1996, p.82)

Vale observar, no entanto, que nem toda libido vinculada à condição do narcisismo primário possui o mesmo destino. Parte dela é utilizada para a estruturação de uma instância no interior do próprio ego, que comporta exigências morais e culturais pesadas ao indivíduo. O narcisismo primário participa da construção do *Ideal do ego*, instância importante vez que, “para o ego, a formação de um ideal do ego seria o fato condicionante da repressão” (FREUD, 1914/1996, p.100). O ideal do ego encontra-se intimamente relacionado ao narcisismo e, posteriormente, será compreendido como o núcleo do superego, o que expõe a existência de uma relação entre o desenvolvimento do conceito de narcisismo e o estabelecimento da Segunda Tópica do Aparelho Psíquico.

Posto isso, podemos salientar um ponto recorrente e importante em Freud no seu estudo sobre o narcisismo. Em todos os textos apresentados nota-se que o narcisismo, apesar das suas transformações ao longo dos anos, sempre se encontra vinculado a uma idéia de imagem corpórea. Essa condição participa da explicação da psicogênese da homossexualidade, está presente no delírio paranóico e se insinua como possibilidade inclusive para a constituição do ego. Todavia, cabe notar que essa relação entre narcisismo e a imagem de si não foi analisada de maneira absolutamente definitiva por Freud, o que possibilitou que os pós-freudianos, em especial por Lacan, se voltassem para essa questão, visando uma investigação mais precisa.

#### *Lacan e o estádio do espelho*

Em seu texto *O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica* (1949), Lacan se debruça sobre o momento genético de uma certa assunção de uma imagem e seus efeitos estruturantes para o sujeito. É proposto que no período que vai dos seis aos dezoito meses a criança passa por uma série de experiências que são fundamentais para a sua formação psíquica.

O contato com uma imagem refletida pelo espelho é estruturante e é vivida como



gozosa. Lacan propõe que se compreenda o estágio do espelho como uma identificação, o que pode ser entendido como a “transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem – cuja predestinação para esse efeito de fase é suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do antigo termo *imago*” (LACAN, 1998, p.97).

Essa transformação seria justamente a conquista de um eu. É o momento no qual o caráter informe de uma criança dá lugar a uma certa unidade corporal. O reconhecimento e apropriação da imagem do espelho é “a matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial” (LACAN, 1998, p.97). O caráter primordial dessa conquista do eu deve ser sublinhada por que ela servirá de base para as outras identificações que serão processadas pelo sujeito. O encontro com a alteridade parece ter como pressuposto a superação de uma indiferenciação em relação com o mundo.

O fato de se estruturar um eu não significa necessariamente a emergência da condição de sujeito, uma vez que no texto lacaniano é possível perceber uma distinção entre esses dois pontos. Essa questão fica explícita quando o autor propõe que o estágio do espelho ocorre para a criança “antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito” (LACAN, 1998, p.97), ou seja, a sua condição de elemento dividido, marcado por um desconhecimento inerente.

É possível assim compreender um duplo aspecto de incidência do estágio do espelho. Por um lado, ele é estruturante do eu, condicionante de uma identificação, por outro ele instaura também um registro no qual o eu é formado antes da emergência do sujeito e se afirma como uma unidade imaginária. Em outras palavras, o estágio do espelho possui dois aspectos: “a permanência mental do [eu], ao mesmo tempo que prefigura sua destinação alienante” (LACAN, 1998, p.98). O autor chega a ligar o estágio do espelho a um “engodo de identificação espacial”, produtor de uma “identidade alienante” (LACAN, 1998, p.100). Dor (1992) analisando esse momento propõe que

Esta conquista da identidade é sustentada, em toda a sua extensão, pela dimensão imaginária, e no próprio fato da criança identificar-se a partir de algo virtual (a imagem ótica) que não é ela enquanto tal, mas onde ela entretanto se re-conhece. Não se trata, pois, de nada mais do que um *reconhecimento imaginário* (DOR, 1992, p.80)

A identidade assumida é imaginária, alienante, apresenta para o sujeito uma condição de não divisão, todavia continua sendo uma identidade. Com isso deseja-se sublinhar o fato que a

estruturção subjetiva aqui em causa não se liga a possibilidade de uma instabilidade ontológica. A partir do registro do estádio do espelho qualquer sujeito passa a ser capaz de dizer “eu sou essa imagem”.

Todavia, cabe indagar se essa estabilidade ontológica não teria alguma relação com os princípios antropológicos que orientam a teoria lacaniana. Isso significa refletir se a possibilidade de falar “eu sou X” não derivaria de uma teoria que aposta em uma universalidade da organização totêmica. É no totemismo que se não coloca em dúvida o caráter de humanidade do homem, tampouco a condição invariável de animalidade do animal, ou seja, está em pauta um mononaturalismo.

As repercussões do estruturalismo, em especial da proposta de Lévi-Strauss, dentro obra de Lacan são relevantes. É possível afirmar que a antropologia estrutural é um dos elementos constitutivos de sua teoria. A contribuição antropológica poderia ser percebida, por exemplo, em quatro pontos que orientam a razão diagnóstica lacaniana: as *estruturas clínicas*, os três registros: *Real*, *Simbólico* e *Imaginário*, a teoria dos *quatro discursos* e por fim as *fórmulas de sexuação*.

Por outro lado, observa-se que embora esse modelo antropológico tenha contribuído de uma maneira fundamental para a psicanálise lacaniana ele permitiu que certas questões se infiltrassem sub-repticiamente na razão diagnóstica que orienta a clínica. Assim é possível construir uma crítica sobre o caráter neurótico-centrico, adulto-centrico, ao naturalismo ou ainda ao cientificismo, valendo lembrar que esse último fator foi inclusive problematizado pelo próprio Lacan.

Uma via que poderia ser utilizada para a contraposição dessa razão diagnóstica seria substituição de qual elemento seria o fator normalizador, ou seja, diante de um neurótico-centrismo é propor-se-ia um psicótico-centrismo. Cabe observar que essa alternativa embora altere os elementos ainda permanece em uma mesma base antropológica. Ainda existe um mononaturalismo que organiza o tipo de pensamento psicopatológico vigente. Se faz necessário refletir sobre as possibilidades de responder a essa crítica da diagnóstica lacaniana que ultrapasse a mera substituição de termos. Levando em conta isto pode-se propor que

A inversão do neurótico-centrismo não se faz, necessariamente, pela admissão do caráter universal da psicose humana, como pretende a chamada teoria da forclusão generalizada, mas pode ocorrer pelas vias da recuperação da categoria da loucura, como patologia do reconhecimento e do sofrimento social (DUNKER, 2012, p.26)

Esse tipo de alternativa se torna possível ao se refletir a partir de uma outra base antropológica. O pós-estruturalismo pode fornecer ferramentas para a crítica da razão diagnóstica em Lacan, apontando alternativas que estariam excluídas ou excessivamente nubladas ao se adotar unicamente de uma antropologia que aposta na universalidade do totemismo e do mononaturalismo daí decorrente.

### *Perspectivismo ameríndio e a crítica da razão diagnóstica em Lacan*

A antropologia pós-estruturalista encontra no trabalho de Viveiros de Castro um importante representante. As suas investigações sobre o perspectivismo ameríndio podem oferecer importantes ferramentas para se pensar vários pontos da teoria lacanina, dentre os quais se destaca a teoria sobre o surgimento do eu.

No texto *Perspectivismo e multinaturalismo na América Indígena*, Viveiros de Castro apresenta que para certos povos amazônicos os animais são concebidos não como portando uma ontologia em si, radicalmente diferentes dos humanos, mas sim, são compreendidos como possuidores de condições de humanidade diversas e variáveis, ou seja “a condição original comum aos humanos e animais não é a animalidade, mas a humanidade” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p.355).

Essa humanidade comum a todos seria expressa pela crença dos povos ameríndios de que os animais partilham dos mesmos modos de organização do que os humanos. Assim é possível identificar nas narrativas a existência de divisões sociais entre os animais, ou ainda a existência de instituições:

os animais utilizam as mesmas categorias e valores que os humanos: seus mundos, como o nosso, gira em torno da caça e da pesca, da cozinha e das bebidas fermentadas, das primas cruzadas e da guerra, dos ritos de iniciação, dos xamãs, chefes, espíritos etc (VIVEROS DE CASTRO, 2002, p.379).

Enfim, um modo de existir análogo aos apresentados pelos humanos.

Todavia, vale salientar que os animais não só compartilham do modo de viver dos humanos, como eles próprios apresentam uma existência humana, com a diferença que podem vestir múltiplas roupas. Ou seja

os animais são gente, ou se vêem como pessoas. Tal concepção está quase sempre associada a idéia de que a forma manifesta de cada espécie é um envoltório (uma ‘roupa’) a esconder uma forma interna humana (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p.351)

Para exemplificar, podemos pensar que um animal na mata seria uma modificação da condição humana, seria um homem com roupa de jaguar. Quando esse animal ataca uma capivara, por exemplo, ele estaria atacando na verdade alguma comida tal qual um humano enxergaria. Para o jaguar um homem apareceria não como sendo homem, mas sim algum outro animal a ser predado. Viveiros de Castro descrevendo essa situação propõe que:

Tipicamente, os humanos, em condições normais, vêem os humanos como humanos e os animais como animais; quanto aos espíritos, ver estes seres usualmente invisíveis é um signo seguro de que as ‘condições’ não são normais. Os animais predadores e os espíritos, entretanto, vêem os humanos como animais de presa, ao passo que os animais de presa vêem os humanos como espíritos ou como animais predadores. (...) Vendo-nos como não-humanos, é a si mesmos que os animais e espíritos vêem como humanos (2002, p.350)

Assim o estatuto ontológico dos animais é questionado, mas mais do que isso o próprio estatuto ontológico do sujeito também entra em parênteses. Ele é um homem visto por outro homem, mas pode ser uma outra coisa quando visto por um jaguar por exemplo: “Se a lua, as cobras e as onças vêem os humanos como antas ou porcos selvagens, é porque, como nós, elas comem antas e porcos selvagens, comida própria de gente” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p.379).

Isso significa que a noção de uma imagem corpórea fixa definidora do sujeito apresenta diferenças quando comparada com a nossa cultura. Para os povos ameríndios apesar de acreditarem em uma humanidade universal para todos os seres eles não sabem qual é a roupa que eles próprios estão vestindo. Para cada animal sua imagem corpórea, ou melhor, a sua “roupa” será modificada. Assim ele pode apresentar a roupa de homem quando estiver diante de outro homem, apresentar a roupa de jaguar quando estiver diante de uma capivara ou apresentar a roupa de capivara quando estiver diante de um jaguar. A perspectiva de quem olha altera o estatuto do sujeito. Não existe uma imagem corpórea que seja absolutamente estável, a ontologia muda acompanhando as metamorfoses da natureza criadas pelas várias perspectivas. No perspectivismo ameríndio constata-se assim que

não é o sujeito que cria a perspectiva, mas a perspectiva que cria o sujeito. Todos os seres vêm o mundo da mesma maneira, o que muda é o mundo que eles vêm (multinaturalismo), ou seja, a epistemologia é constante, a ontologia é variável (DUNKER, 2012, p.30)

Essa configuração posta em pauta pelo pós-estruturalismo pode atuar então como instância crítica da psicanálise, questionando não só sua razão diagnóstica, mas também, de maneira articulada, uma série de fenômenos descritos. O perspectivismo ameríndio ajuda-nos a problematizar as teorias sobre a formação do eu.

O estágio do espelho, tal qual apresentado por Lacan, se torna viável se estiver em causa uma antropologia fundada no mononaturalismo. Nessa alternativa não existe uma flutuação das possibilidades ontológicas. A imagem que o sujeito assume como sendo sua permanece estável.

Mas tal quadro pode ser modificado, ao menos em sua condição de universalidade, ao considerarmos outras culturas, como os povos ameríndios por exemplo. Por estarem fundados em um perspectivismo existe uma profunda flutuação no sentido de identidade. Essa flutuação passa justamente para a forma que seu corpo assume, pelas roupas que ele veste. Em certo sentido, pode-se afirmar que a imagem do eu não é uma conquista definitiva, não apresenta aquela totalização imaginária tal qual é percebida na nossa cultura.

Cabe notar que caso condições como o estágio do espelho possam ser problematizadas isso poderia ter impacto para o modelo de clínica adotado. Como exemplo pode-se citar que o estágio do espelho é utilizado para a compreensão das psicoses. Afirma-se que “o desenvolvimento do eu (fragmentado) depende dessa matriz e essa ortopedia primeira prevenirá a dispersão psicótica” (VALLEJO; MAGALHÃES, 1979, p.49). Com o perspectivismo ameríndio essas condições podem submetidas a uma crítica ou serem assinaladas como sendo apenas uma das possibilidades de existência.

## CONCLUSÃO

O desenvolvimento da teoria psicanalítica acerca da constituição do ego e da construção de uma imagem de si apresenta uma longa história. Desde Freud, observa-se uma constante mutação, que pode ser acompanhada através da análise do conceito de narcisismo. Tal condição é decorrente da complexidade desse objeto de estudo, que inclusive foi retomada pelas correntes pós-freudianas, como a teoria lacaniana.

Lacan tomou as investigações sobre o eu como um dos seus campos de pesquisas privilegiados, pois localizava nesse objeto a possibilidade de compreender as especificidades do que seria o sujeito para a psicanálise. Foi também por meio dessa via que ele buscou preservar e ressaltar a radicalidade da teoria freudiana para o entendimento do psiquismo, bem como defender a psicanálise dos desvios teóricos que ele supunha existir nas outras correntes pós-freudianas.

Parte integrante da sua contribuição para o tema são as discussões sobre o estágio do espelho. Esse momento seria caracterizado pela possibilidade da pessoa ultrapassar a dispersão corporal, própria da polimorfia pulsional, e conquistar uma imagem de si que lhe fornece um sentido de unidade. A partir desse momento, a identificação à uma imagem própria, relativamente estável, se torna um dos referenciais básicos para o sujeito. O que isso revelaria seria uma ontologia fixa, que se afirma em regimes totêmicos como o nosso.

Cabe ser observado, no entanto, que os desenvolvimentos da antropologia pós-estruturalista, em especial o perspectivismo ameríndio, apresentam outras formas de organização nas quais a ontologia não é mais fixa. Ocorre que existe apenas um modo de todos os seres entenderem o mundo, que é o modo humano, ao mesmo tempo em que o seu próprio ser se altera dependendo de quem ou o que está olhando para ele. Nesses regimes antropológicos a imagem de si está em constante mutação. É por isso que poderíamos afirmar que nesses casos estaríamos diante de uma ontologia variável e uma epistemologia fixa.

Essa descoberta permite que se compreenda que a imagem de si, elemento tão importante na teoria freudiana sobre o narcisismo, seja tomado como um fator muito fluido. A exigência imediata dessa constatação é que as categorias clínicas evocadas na discussão em torno do narcisismo devem ser repensadas. Apresentar que o homossexualismo é a tentativa de amar a si mesmo, que a etiologia da paranoia está ligada a um colapso de uma imagem corpórea imaginada, tal como demonstra o caso Schreber, ou ainda, que existe uma busca de preservação de uma imagem infantil perfeita de si, via a instauração do ego ideal e ideal do ego, são todos fenômenos que só podem ser pensados no nosso regime totêmico. Sua universalidade fica completamente questionada quando nos deparamos com sociedades que a natureza da pessoa está em constante mutação dependendo da perspectiva ontológica que ela é observada.

Essa mesma condição se repõe quando passamos para a análise da teoria lacaniana sobre o estágio do espelho. Tradicionalmente esse momento é apresentado como aquele

breve momento que existe a possibilidade de uma conquista de uma totalidade corpórea imaginária, que representa justamente a aquisição de um eu. No nosso regime totêmico existe a busca de preservação constante dessa estrutura, principalmente tendo em vista que uma das funções da imagem de um eu é a tentativa de proteger o sujeito da angústia. A pergunta imediata que surge nesse cenário é como as comunidades que estão assentadas no perspectivismo conseguem lidar com o afeto angustiante. No mínimo, o que esse quadro permite que se constate é que eles possuem estratégias subjetivas e mecanismos de defesas que são diferentes dos nossos.

Por fim, deve ser sublinhado que o contato com os modelos antropológicos ligados ao perspectivismo ameríndios não representaria o descarte completo das construções lacanianas. O maior impacto seria no questionamento do seu estatuto de universalidade, uma vez que apresentaria outras alternativas que seriam igualmente válidas. No que tange ao estádio do espelho poder-se-ia pensar que ele seria um caso particular, uma maneira de existência que poderia ser considerada ao lado de outras possibilidades.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DOR, J. *Introdução à leitura de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

DREHER, A. U. Pluralismo na teoria e na pesquisa: e agora? *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v.42, n.2, p.131-153, jun. 2008.

DUNKER, C. I. L. *Mal-estar, sofrimento e sintoma: releitura da diagnóstica laciana a partir do perspectivismo animista*. *Tempo social*, São Paulo, v. 23, n.1, jun. 2011.

Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010320702011000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010320702011000100006&lng=en&nrm=iso)>.Data de acesso:01/07/2012.

DUNKER, C.I.L. O nascimento da clínica. Em:\_\_\_\_\_.*Estrutura e constituição da clínica psicanalítica: uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento*. São Paulo: Annablume, 2011. p.389-483.

FREUD, S. (1905) *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.



FREUD, S. (1910) *Leonardo da Vinci: uma lembrança de infância*. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

FREUD, S. (1911) *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia paranoides)*. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

FREUD, S. (1914) *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

KÖCHE, J. C. *Fundamentos de metodologia científica*. Petrópolis: Vozes, 2012.

LACAN, J. O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. Em \_\_\_\_\_: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.96-103.

MIGLIAVACCA, E. M. A psicanálise e a universidade: pesquisa. *Psicologia USP*, São Paulo, v.12, n.2, p.88-110, jun. 2001.

VALLEJO, A.; MAGALHÃES, L.C. *Lacan: operadores da leitura*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

VIVEIROS DE CASTRO, E. Perspectivismo e multinaturalismo na América Indígena. Em: \_\_\_\_\_ *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo, CosacNaify, 2002. p.345-400.

Recebido em 06 de setembro de 2016.

Aprovado em 06 de outubro de 2016.